

7 Revisitando as Figuras de Retórica

A partir da renovação da Retórica com o Tratado de Perelman, as figuras deixam de ser uma mera taxionomia. Redefiniu-se o *status* das figuras, que passam a ser entendidas como possíveis condensados de argumentos. Reboul (2004:114) ressalta que a figura é “(...) uma fruição a mais, uma licença estilística para facilitar a aceitação do argumento”.

As figuras se caracterizam por serem formas de uso da língua que se afastam do uso comum, objetivando mais força e adequação aos enunciados (cf. Charadeau e Maingueneau, 2006:237; e Reboul, *op.cit.*, p.248).

Segundo Reboul (*op.cit.*, p.113), “a expressão ‘figuras de retórica’ não é um pleonasma, pois existem figuras não retóricas, que são poéticas, humorísticas ou simplesmente de palavras. A figura só é de retórica quando desempenha papel persuasivo”.

O inventário classificatório das figuras é extremamente vasto. Como já visto, em Durand, as figuras podem ser de *dicção* ou de *construção*, e, nelas, as operações fundamentais são *adjunção*, *supressão*, *substituição* e *troca*. Em Dubois *et al.*, 2006:277 e em Reboul, *op.cit.*, pp.114-137, entretanto, outras classificações são expostas: há, por exemplo, as figuras de *palavras*, *significação*, *construção* e *pensamento*.

As *figuras de palavras* referem-se à sonoridade do discurso (ritmo, aliteração, paranomásia, antanáclase); as *figuras de sentido ou significação* destinam-se à mudança de sentido das palavras, empregando-se termos que não lhes são habituais (metáfora, metonímia, sinédoque, hipálage, enálage, oxímoro, hipérbole); as *figuras de construção* dizem respeito à ordem natural das palavras ou do discurso e seus procedimentos são por subtração, repetição ou permutação (antítese, quiasmo, anacoluto, eclipse); por fim, as *figuras de pensamento* são constituídas pela “imaginação”, são independentes do sentido, do som e da ordem das palavras (alegoria, ironia, apóstrofe, prosopopeia, preterição, epanortose) (cf. Dubois *et al.*, 2006:277; e Reboul, *op.cit.*, pp.114-137).

Para o propósito desta Tese, que aplica sobretudo a fundamentação teórica em Perelman, adotaram-se os três modos de classificação das figuras propostos pela Nova Retórica. Baseadas nos *dados* do discurso, são as *figuras de escolha*, *figuras de presença* e *figuras de comunhão*. Para os tratadistas, “esses termos não designam gêneros dos quais certas figuras tradicionais seriam as espécies” (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005:195). Mas o que tais termos significam é que somente “(...) o efeito, ou um dos efeitos, de certas figuras é, na apresentação dos dados, impor ou sugerir uma escolha, aumentar a presença ou realizar a comunhão com o auditório” (*ibid.*). A seguir, são apresentados três quadros, baseados nas leituras de Dayoub (2004:56-58) e de Perelman e Olbrechts-Tyteca (*op.cit.*, pp.194-203), que sintetizam as definições dessas figuras, com alguns de suas respectivas exemplificações.

FIGURAS DE ESCOLHA: <i>sugerem ou impõem uma escolha.</i>	
DEFINIÇÃO DE ORATÓRIA	<p><i>Destaca certos aspectos de uma realidade, sem definir o sentido: utiliza a estrutura da definição, não para fornecer o sentido de uma palavra, mas para pôr em destaque certos aspectos de uma realidade que correriam o risco de ficar em último plano da consciência. Como exemplo, Perelman e Olbrechts-Tyteca citam o texto de Baron que comenta a dificuldade em comandar um exército:</i></p> <p><i>Que é um exército? É um corpo animado por uma infinidade de paixões diferentes que um homem hábil faz movimentar-se para a defesa da pátria; é uma tropa de homens armados que seguem cegamente as ordens de um chefe cujas intenções não conhecem; é uma multidão de almas em sua maioria vis e mercenários que, sem pensarem em suas respectivas reputações, trabalham para a dos reis e dos conquistadores; é um conjunto confuso de libertinos... (Baron, 1879:61, apud Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005:196)⁸⁶.</i></p>

Quadro 12 - Figuras de Escolha na Nova Retórica.

⁸⁶ BARON, A. *De la rhétorique ou de la composition oratoire et littéraire*. 4 ed. [1ª ed., 1849]. Bruxelas e Liège: Librairies polytechniques de Decq, 1879 – citado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005:196).

PERÍFRASE	<p>Pode desempenhar o mesmo papel que a definição oratória. A qualidade é mais importante que o nome:</p> <p><i>A expressão “as três deusas infernais que, segundo a fábula, tecem a trama de nossos dias”, para designar as Parcas⁸⁷, será percebida como uma perífrase, se essa expressão não servir para fornecer uma definição do termo “Parcas” mas sim para substituí-lo, o que supõe que se conheça a existência do nome que é substituído por essa expressão (Perelman e Olbrechts-Tyteca, op.cit.).</i></p>
SINÉDOQUE – METONÍMIA	<p>Designa um termo pelo nome de outro termo que tem com o primeiro uma relação de contiguidade. Utilizar “os mortais” em lugar de “os homens” é uma maneira de chamar atenção para uma característica particular dos homens.</p>
ANTONOMÁSIA	<p>Espécie de sinédoque que consiste em tomar um nome próprio por um nome comum ou um nome comum por um próprio:</p> <p><i>Em sua primeira forma, ela às vezes visa evitar que se pronuncie um nome próprio; mas às vezes, também, qualificar alguém de modo útil para a argumentação: “os netos do Africano” para “os Gracos” pode tender a esse objetivo (Perelman e Olbrechts-Tyteca, op.cit., p.197).</i></p>
PROLEPSE OU ANTECIPAÇÃO (PRAESUMPTIO)	<p>É figura de escolha quando visa insinuar que há motivo de substituir uma qualificação que poderia ter levantado objeções por outra: “E no entanto era menos um castigo do que um meio de prevenir um crime” (Quintiliano, apud Perelman e Olbrechts-Tyteca, op.cit.)⁸⁸.</p>
RETIFICAÇÃO (REPREHENSIO)	<p>Salienta a legitimidade de uma escolha: “Cidadãos, disse eu, se é permitido chamá-los por esse nome” (ibid.)⁸⁹.</p>
CORREÇÃO	<p>Quando se substitui uma palavra por outras, com intuito retificador: “Se o acusado houvesse pedido aos seus hospedeiros, ou melhor, se lhes houvesse feito apenas um sinal...” (Rhetorica ad Herennium, apud ibid.)⁹⁰.</p>

Quadro 13 - Figuras de Escolha na Nova Retórica (continuação).

⁸⁷ As *Parcas* são as três deusas que determinam o curso da vida humana. Na mitologia romana, as *Parcas* são *Nona*, *Decuma* e *Morta*. O termo *Parcae* significa “espíritos do nascimento”, de *parere* (parir). Na mitologia grega, as *Parcas* são denominadas *Moiras* e as deusas são chamadas de *Clotó*, *Láquesis* e *Átropos*. Clotó (*Nona*) segurava a roca, Láquesis (*Decuma*) tecia o fio e Átropos (*Morta*) cortava-o (cf. Harvey, 1998:379).

⁸⁸ Quintiliano, vol. III, liv. IX, cap. II, §18. In: QUINTILIANO. **Institution oratoire** (*De institutione oratoria*). Texto revisto e traduzido por Henri Bornecque, Paris, Garnier, 1933-34. vol. 4 – citado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (*op.cit.*, p.197).

⁸⁹ Quintiliano (*op.cit.*).

⁹⁰ *Rhetorica ad Herennium*, liv. IV, §36. In: **RHETORICA AD HERENNIIUM** (*Ad. C. Herennium de ratione dicendi*). Obra por muito tempo atribuída a Cícero. Texto revisto e traduzido por Henri Bornecque, Paris, Garnier, 1932 – citado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (*op.cit.*).

FIGURAS DE PRESENÇA: têm por efeito tornar presente na consciência o objeto do discurso.	
ONOMATOPEIA	<p><i>Palavra que imita o som natural do que se propõe a significar.</i></p> <p><i>A onomatopéia é percebida como figura quando há, para evocar um ruído real, quer criação de uma palavra, quer uso inusitado de palavras existentes, pouco importando, aliás, que o som reproduza exatamente ou não o ruído do que se quer tornar presente; apenas a intenção de imitação parece contar (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005, p.198).</i></p>
AMPLIFICAÇÃO	<p><i>É o desenvolvimento oratório de um assunto, para destacar sua importância.</i></p> <p><i>Teus olhos são formados para a imprudência, o rosto para a audácia, a língua para os perjúrios, as mãos para as rapinas, o ventre para glotonaria... os pés para a fuga: logo, tu és toda malignidade (Vico, apud Perelman e Olbrechts-Tyteca, op.cit.)⁹¹.</i></p>
REPETIÇÃO	<p><i>É uma das mais simples figuras que buscam aumentar o sentimento de presença: pode agir diretamente, ou também acentuar o fracionamento de algum acontecimento complexo em episódios detalhados. É importante em argumentação, porém, nada proporciona numa demonstração e num raciocínio científico. Também procura sugerir distinções. Seguem os exemplos citados por Perelman e Olbrechts-Tyteca:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Guerras, C. Graco, guerras domésticas, eis o que provocas...⁹²</i> • <i>Matei, sim, matei...⁹³</i> <p><i>Considerando que aqui o intuito não é apenas duplicar o efeito de presença pela repetição, os tratadistas comparam os exemplos:</i></p> <p><i>(...) com a repetição, o segundo enunciado do termo parece repleto de valor; o primeiro, por reação, parece relacionar-se exclusivamente com um fato, enquanto, normalmente sozinho, teria parecido conter fato e valor. O efeito de presença é, portanto, subordinado a outras intenções (Perelman e Olbrechts-Tyteca, op.cit., p.199).</i></p>

Quadro 14 - Figuras de Presença na Nova Retórica.

⁹¹ Vico, *Delle istituzioni oratorie*, p.81. In: VICO. **Delle istituzioni oratorie**, opera inedita volgarizzata dal latino dal padre Don Luigi PARCHETTI C. R. Somasco, Novi, Moretti, 1844 – citado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (*op.cit.*, p.199).

⁹² *Rhetorica ad Herennium*, liv. IV, §38 – citado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (*op.cit.*, p.199).

⁹³ Quintiliano, vol. III, liv. IX, cap. III, §28. In: QUINTILIANO. **Institution oratoire** (*De institutione oratoria*). Texto revisto e traduzido por Henri Bornecque, Paris, Garnier, 1933-34. vol. 4 – citado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (*op.cit.*).

SINONÍMIA OU METÁBOLE	<p><i>É o uso de sinônimos. Um tipo de repetição de uma mesma ideia mediante termos diferentes. Sugere uma correção progressiva.</i></p> <p><i>“Va, cours, vole et nous venge” [Vai, corre, voa e nos vinga] (Corneille apud Perelman e Olbrechts-Tyteca, op.cit., p.200)⁹⁴.</i></p> <p><i>(...) o autor usa termos que parecem convir cada vez melhor; a sinonímia seria como uma correção abreviada, ou mesmo como uma prolepse abreviada: proporcionaria a presença mediante uma forma destinada essencialmente à escolha (Perelman e Olbrechts-Tyteca, op.cit., p.200).</i></p>
PSEUDODISCURSO DIRETO	<p><i>Atribuem-se ficticiamente palavras a uma pessoa ou a várias conversando entre si.</i></p> <p><i>Cumpra observar que os objetivos do pseudodiscurso direto podem ser múltiplos; mas sempre se prendem à hipótese. (...) O pseudodiscurso direto dará a conhecer as intenções que se atribuem a alguém ou o que se crê ser a opinião de outrem sobre essas intenções. Poderá ser apresentado como meio pronunciado, meio pensado (Perelman e Olbrechts-Tyteca, op.cit.).</i></p>
HIPOTIPOSE	<p><i>“Descreve, animadamente, um objeto ou uma ação” (Dayoub, 2004:57). É uma figura relativa ao tempo gramatical.</i></p> <p><i>É a brusca passagem do pretérito, tempo da narrativa, para o presente, tempo da descrição, que faz amiúde que esta pareça uma figura, a ‘hipotipose’ (...) (Perelman e Olbrechts-Tyteca, op.cit.).</i></p>
ENÁLAGE DE TEMPO	<p><i>Substitui um tempo por outro, com o objetivo de aumentar o efeito de presença. Assim como a ‘hipotipose’, é uma figura relativa ao tempo gramatical.</i></p> <p><i>A substituição sintática de um tempo por outro, contrariamente às ligações normais, ou seja, a ‘enálage de tempo’, poderá ter um efeito de presença muito marcante: “Se falas, morres” sugere que a conseqüência ocorrerá instantaneamente, no momento em que se transgride a injunção (Perelman e Olbrechts-Tyteca, op.cit.).</i></p>

Quadro 15 - Figuras de Presença na Nova Retórica (continuação).

⁹⁴ Corneille, *Le Cid*, ato I, cena VI. In: CORNEILLE. **Oeuvres complètes** [com as notas de todos os comentadores]. Paris, Firmin-Didot, vol. 2, 1880 – citado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (*op.cit.*, p.200).

FIGURAS DE COMUNHÃO: O orador confirmará ou criará a comunhão com o auditório mediante procedimentos literários. <i>“A comunhão cresce igualmente por meio de todas as figuras pelas quais o orador se empenha em fazer o auditório participar ativamente de sua exposição, atacando-o, solicitando-lhe ajuda, assimilando-se a ele” (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2005:201-202).</i>	
ALUSÃO	<p><i>“Rápida menção a alguém ou a algo” (Dayoub, 2004:57).</i></p> <p><i>Há alusão quando a interpretação de um texto, se se omitisse a referência voluntária do autor a algo que ele evoca sem designar, estaria incompleta; esse algo pode consistir num acontecimento do passado dos membros do grupo com os quais o orador busca estabelecer essa comunhão. A esses fatos culturais atribui-se em geral uma afetividade particular: eternecimento ante as lembranças, orgulho da comunidade; a alusão aumenta o prestígio do orador que possui e sabe utilizar tais riquezas (Perelman e Olbrechts-Tyteca, op.cit., p.201).</i></p>
CITAÇÃO	<i>É quando apoia o que se diz com o peso de uma autoridade.</i>
CLICHÊ	<i>“Chavão, lugar-comum, produz o efeito da citação” (Dayoub, op.cit.).</i>
ENÁLAGE DA PESSOA OU DO NÚMERO	<p><i>Permutação do “eu” ou do “ele” pelo “tu”, do “tu” por “nós”, etc. Faz com que o ouvinte se coloque, se julgue, diante da situação apresentada. Funciona como figura de comunhão e de presença. Os tratadistas citam o seguinte exemplo:</i></p> <p><i>E aí tendes, meu caro ouvinte, com que vos instruir e vos confundir ao mesmo tempo. Queixai-vos do excesso de vossas desditas... Ora, o que mais consolador em nossas penas? Deus me vê, conta meus suspiros, pesa minhas aflições, olha minhas lágrimas correrem... (Massilon, apud Perelman e Olbrechts-Tyteca, op.cit., p.202)⁹⁵.</i></p> <p><i>Perelman e Olbrechts-Tyteca (op.cit.) ressaltam que “‘vós’, ‘nós’, ‘eu’ são etapas pelas quais o orador se assimila aos seus ouvintes, confundindo-se a última, aliás, com o pseudodiscurso direto que, por sua vez, pode ser portanto figura de comunhão”.</i></p>
APÓSTROFE	<i>É uma interpelação direta. Não visa nem a informação nem o acordo. O orador pede ao próprio juiz ou ao adversário que reflita sobre a situação que está sendo exposta.</i>
INTERROGAÇÃO ORATÓRIA	<i>“Pergunta cuja resposta é do conhecimento do orador” (Dayoub, op.cit.).</i>

Quadro 16 - Figuras de Comunhão na Nova Retórica.

⁹⁵ Massilon, Sermon IV. *Pour le second dimanche de l'avent. Sur les afflictions*, t. I, col. 241. In: MASSILON. **Oeuvres complètes**. Editadas pelo abade Migne, vol. 2, t. 42 e 43 da Collection intégrale et universelle des orateurs sacrés (60 vols.), Paris, 1854 – citado por Perelman e Olbrechts-Tyteca (op.cit., p.202).

Como já comentado no Capítulo 5 (subitem 5.4.3, sobre os *argumentos que fundamentam a estrutura do real*), a *metáfora* é a figura colocada como o tropo por excelência. Em Dayoub (*op.cit.*, pp.56-58), a *metáfora* é classificada como uma *figura* presente nos três modos de *dados* do discurso: *escolha, presença e comunhão*.

Com a enumeração das principais *figuras de retórica* descritas na Nova Retórica de Perelman, infere-se que a sua identificação em um enunciado contribui para a operacionalização da análise retórica. O reconhecimento de uma figura permite revelar, em um discurso, quais elementos de persuasão estão presentes. Ao direcionar o entendimento de um discurso, construído por um orador, uma figura está trabalhando para o desenvolvimento de novos signos. Surge então o anteparo metodológico da Semiótica para auxiliar a análise retórica dos produtos concebidos pela ação do Design Gráfico, pois, como aponta Santaella (2002:59), “em uma acepção muito geral, a semiótica é a teoria de todos os tipos de signos, códigos, sinais e linguagens. Portanto, ela nos permite compreender palavras, imagens, sons em todas as suas dimensões e tipos de manifestações”.